



# Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

# Literatura



**França Júnior**  
*Caiu o Ministério!*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*Caiu o Ministério!*

França Júnior

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1883.

Livro Digital nº 815 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

**Joaquim José de França Júnior**  
**(1838-1890)**



**Iba Mendes Editor Digital**  
**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

**CAIU O MINISTÉRIO!**  
COMÉDIA ORIGINAL DE COSTUMES EM TRÊS ATOS



**PERSONAGENS:**

UM VENDEDOR DE BILHETES DE LOTERIA

PRIMEIRO VENDEDOR DE JORNAIS

SEGUNDO (*idem*)

TERCEIRO (*idem*)

QUARTO (*idem*)

DR. RAUL MONTEIRO

ERNESTO

GOULARTE

PEREIRA

DESEMBARGADOR ANASTÁCIO FLORINDO FRANCISCO

COELHO

BÁRBARA COELHO (sua mulher)

MARIQUINHAS (sua filha)

FELICIANINHA

FILOMENA

BEATRIZ

FILIFE FLECHA

MR. JAMES

CONSELHEIRO FELÍCIO DE BRITO (presidente do Conselho)

MINISTRO DA GUERRA

MINISTRO DO IMPÉRIO

MINISTRO DE ESTRANGEIROS

MINISTRO DA JUSTIÇA

DR. MONTEIRINHO (ministro da marinha)

SENADOR FELIZARDO

PEREIRA

INÁCIO

ARRUDA

RIBEIRO

AZAMBUJA

## ATO I

*O teatro representa parte da rua do Ouvidor. Ao fundo a redação do "Globo", a casa imediata, a confeitaria do "Castelões" e o armarinho vizinho. O interior destes estabelecimentos deve ser visto pelos espectadores. Ao subir o pano a escada que comunica o pavimento inferior do escritório do "Globo" com o superior deve estar ocupada por muitos meninos, vendedores de gazetas; algumas pessoas bem vestidas conversam junto ao balcão. Em casa do "Castelões" muita gente conversa e come. No armarinho grupos de moças, encostadas ao balcão, conversam e escolhem fazendas. Grande movimento na rua.*

## CENA I

*Um vendedor de bilhetes de loteria, 1º, 2º, 3º e 4º vendedores de jornais, Doutor Raul Monteiro e Ernesto.*

### VENDEDOR DE BILHETES

Quem quer os duzentos contos? Os duzentos contos do Ipiranga!

### PRIMEIRO VENDEDOR DE JORNAIS

A "Gazeta da Tarde", trazendo a queda do ministério, a lista da loteria, também trazendo a crônica parlamentar.

### SEGUNDO VENDEDOR

A "Gazeta de Notícias". Traz a carta do Doutor Seabra.

### TERCEIRO VENDEDOR

A "Gazetinha".

### QUARTO VENDEDOR

A "Espada de Dâmocles", trazendo o grande escândalo da Câmara dos Deputados, a história do ministério, o movimento do porto, e também trazendo o assassinato da rua do Senado.

### TERCEIRO VENDEDOR

A "Gazetinha" e o "Cruzeiro".

RAUL MONTEIRO (*que deve estar parado à porta do "Globo" a ler os telegramas; voltando-se e vendo Ernesto, que sai do "Castelões"*)

Oh! Ernesto, como vais?

ERNESTO

Bem. E tu?

RAUL

Então? Nada ainda?

ERNESTO

Ouvi dizer agora mesmo no Bernardo que foi chamado para organizar o ministério o Faria Soares.

RAUL

Ora! Ora! O Soares partiu ontem com a família para Teresópolis.

ERNESTO

É verdade; porém disseram-me que ontem mesmo recebeu o telegrama e que desce hoje. Aí vem o Goularte.

RAUL

Homem, o Goularte deve estar bem informado.

## CENA II

*Os mesmos e Goularte.*

RAUL

Oh! Goularte, quem foi o chamado?

GOULARTE

O Silveira de Assunção.

RAUL

O que estás dizendo?

GOULARTE

A pura verdade.

ERNESTO

Com os diabos! Por esta não esperava eu. Estou aqui, estou demitido.

RAUL

Mas isto é de fonte pura?

GOULARTE

E até já está organizado o ministério.

RAUL

Quem ficou na Fazenda?

GOULARTE

O Rocha.

RAUL

E na Justiça?

GOULARTE

O Brandão. Para a Guerra entrou o Felício; para a Agricultura o Barão de Botafogo.

ERNESTO

O Barão de Botafogo?

GOULARTE

Sim, pois não o conheces! É o Ladislau Medeiros.

ERNESTO

Ah! já sei.

GOULARTE



Para Estrangeiros o Visconde de Pedregulho; para a pasta do Império o Serzedelo.

RAUL  
Misericórdia!

GOULARTE  
E para a Marinha o Lucas Viriato.

RAUL  
Lucas Viriato?! Quem é?

ERNESTO  
Não o conheço.

GOULARTE  
Eu também nunca o vi mais gordo, mas dizem que é um sujeito muito inteligente.

### CENA III

*Os mesmos e Comendador Pereira.*

PEREIRA  
Bom dia, meus senhores. (*Aperta-lhes as mãos*)

RAUL  
Ora viva, senhor Comendador.

PEREIRA  
Então, já sabem?

RAUL  
Acabamos de saber agora mesmo. O presidente do Conselho é o Silveira de Assunção.

PEREIRA

Não há tal, foi chamado, é verdade, mas não aceitou.

GOULARTE

Mas, senhor Comendador, eu sei...

PEREIRA

Também eu sei que o homem esteve cinco horas em São Cristóvão, e que de lá saiu à meia-noite, sem se haver decidido coisa alguma.

RAUL (*vendo Anastácio entrar pela direita*)

Ora aí está quem nos vai dar notícias frescas.

ERNESTO

Quem é?

RAUL

O Conselheiro Anastácio, que ali vem.

(*Seguem para a direita, e formam um grupo*)

GOULARTE

Chama-o.

#### CENA IV

*Os mesmos, Anastácio e vendedores.*

VENDEDOR DE BILHETES (*que juntamente com os outros tem passado pela rua, vendendo ao povo os objetos que apregoam durante as cenas anteriores*)

Quem quer os duzentos contos do Ipiranga!

PRIMEIRO VENDEDOR

A "Gazeta da Tarde", a 40 réis.

SEGUNDO VENDEDOR

A "Gazeta de Notícias".

TERCEIRO VENDEDOR

A "Gazetinha". Traz a queda do ministério.

*(Saem os vendedores)*

RAUL

Senhor Conselheiro, satisfaça-nos a curiosidade. Quem é o homem que nos vai governar?

ANASTÁCIO

Pois ainda não sabem?

GOULARTE

São tantas as versões,...

ANASTÁCIO

Pensei que estivessem mais adiantados. Ora ouçam lá. *(Tira um papelinho do bolso; todos preparam-se para ouvi-lo com atenção)* Presidente do Conselho, Visconde da Pedra Funda; ministro do Império, André Gonzaga.

GOULARTE

Bem bom, bem bom.

ANASTÁCIO

Da Marinha, Bento Antônio de Campos.

RAUL

Não conheço.

ERNESTO

Nem eu.

GOULARTE

Nem eu.

PEREIRA

Nem eu.

ANASTÁCIO

Eu também não sei quem seja. Ouvi dizer que é um sujeito dos sertões de Minas.

RAUL

E por conseguinte muito entendido em coisas de mar.

ANASTÁCIO

Ministro da Fazenda, o Barão do Bico do Papagaio.

RAUL

Para a Fazenda?!

ANASTÁCIO

Sim, senhor.

RAUL

Porém este homem nunca deu provas de si. É pouco conhecido... Nas circunstâncias em que se acha o país.

GOULARTE

Não diga isto, e aquele à parte que ele deu ao Ramiro... Lembra-se, senhor Conselheiro?

ANASTÁCIO

Não.

GOULARTE

Um à parte dado na questão do Xingu.

RAUL

Era melhor que o tivessem deixado à parte. Vamos adiante.

ANASTÁCIO

Ministro da Guerra, Antônio Horta.

ERNESTO  
Magnífico!

RAUL  
Qual magnífico.

ANASTÁCIO  
Da Agricultura, João Cesário, e fica na pasta dos Estrangeiros o presidente do Conselho.

RAUL  
Lá estão pondo um telegrama na porta do "Globo". Vamos ver o que é.

*(Dirigem-se à porta do "Globo", ao redor da qual reúnem-se todos que estão em cena, e depois retiram-se. Ernesto entra no "Globo")*

## CENA V

*Dona Bárbara Coelho e Mariquinhas.*

DONA BÁRBARA *(entrando com Mariquinhas pela esquerda)*  
Que maçada. Se eu soubesse que esta maldita rua estava hoje neste estado, não tinha saído de casa.

MARIQUINHAS  
Pois olhe, mamãe; é assim que eu gosto da rua do Ouvidor.

DONA BÁRBARA  
Tomara eu já que se organize o ministério, só para assim ver se teu pai sossega. Encasquetou-se-lhe na cabeça que há de ser por força ministro.

MARIQUINHAS  
E por que não, mamãe? Os outros são melhores do que ele?!

DONA BÁRBARA

E vive há três dias encerrado em casa, como um verdadeiro maluco. Por mais que lhe diga — seu Chico, vá para a Câmara, contente-se em ser deputado, que não é pouco, e o homem a dar-lhe. Já quando caiu o outro ministério foi a mesma coisa. Passa o dia inteiro a passear de um lado para o outro; assim que ouve o ruído de um carro, ou o tropel de cavalos corre para a janela, espreita pelas frestas da veneziana, e começa a dizer-me todo trêmulo: — E agora, é agora, Barbinha, mandaram-me chamar. De cinco em cinco minutos pergunta ao criado: — Não há alguma carta para mim? Que aflição de homem, Santo Deus! Aquilo já é moléstia! Parece que se ele não sair ministro desta vez, arrebenta!

MARIQUINHAS

Faz papai muito bem. Se eu fosse homem também havia de querer governar.

DONA BÁRBARA

Pois eu se fosse homem acabava com câmaras, com governo, com liberais, conservadores e republicanos e reformava este país.

## CENA VI

*As mesmas e Felicianinha.*

MARIQUINHAS

Gentes, Dona Felicianinha por aqui!

FELICIANINHA (*com embrulhos*)

É verdade. Como está, Dona Bárbara? (*Aperta a mão de Bárbara e de Mariquinhas e beijam-se*)

MARIQUINHAS

Como vai a Bibi? A Fifina está boa? Há muito tempo que não vejo a Cocota.

FELICIANINHA

Todos bons. Eu é que não tenho andado muito boa. Só a necessidade me faria sair hoje de casa.

DONA BÁRBARA

É o mesmo que me acontece.

FELICIANINHA

Fui ao *Palais-Royal* experimentar um vestido, fui depois ao dentista, entrei no Godinho para ver umas fitas para o vestido da Chiquinha...

MARIQUINHAS

Nós também estivemos no Godinho. Não viu a Filomena Brito com a filha?

FELICIANINHA

Vi, por sinal que tanto uma como a outra estavam caiadas que era um Deus nos acuda.

DONA BÁRBARA

Andam constantemente assim. E a sirigaita da filha a estropiar palavras em francês, inglês, alemão e italiano, para mostrar aos circunstantes que já esteve na Europa.

FELICIANINHA

Eu acho uma coisa tão ridícula! E o que quer dizer vestir-se a mãe igual à filha!

DONA BÁRBARA

E moda cá da na terra. Andam as velhas por aí todas pintadas, frisadas, esticadas e arrebicadas, à espera dos rapazes pelas portas dos armarinhos e das confeitarias. Cruz, credo, Santa Bárbara! Só se benzendo a gente com a mão canhota. Olhe, lá em Minas nunca vi disto e estou com cinquenta anos!

## CENA VII

*Dona Bárbara, Mariquinhas, Felicianinha, Filomena e Beatriz.*

MARIQUINHAS

Lá vem a Filomena com a filha.

DONA BÁRBARA

Olhem só que sirigaitas!

FILOMENA (*saindo com Beatriz do armarinho do fundo*)

Como está, Dona Bárbara?

*(Cumprimentam-se todas, beijando-se)*

DONA BÁRBARA

Como está, minha amiga?

MARIQUINHAS (*para Beatriz*)

Sempre bonita e interessante.

DONA BÁRBARA (*para Filomena*)

E a senhora cada vez mais moça.

FILOMENA

São os seus olhos.

FELICIANINHA (*para Beatriz*)

Como tem passado?

BEATRIZ

Assim, assim. *Çá vá doucement*, ou como dizem os alemães: *so, so*.

DONA BÁRBARA (*baixo a Mariquinhas*)

Começa ela com a algaravia.

BEATRIZ



Não tive o prazer de vê-la no último baile do Cassino. Esteve *ravissant, esplendide*. O *high-life* do Rio de Janeiro estava representado em tudo quanto possui de mais *recherché*. O salão iluminado *a giorno*, e a *last fashion* exibia os seus mais belos esplendores. *Prachtvoll, ausgezeichnet*, como dizem os alemães.

DONA BÁRBARA (*baixo a Mariquinhas*)

Olha só para aquilo. *Ausgetz...* Parece que tem um pedaço de cará fervendo na boca.

FILOMENA

A Beatriz causou sensação. Não leram a descrição da sua *toilette*?

DONA BÁRBARA

Ouvi dizer alguma coisa a respeito.

FILOMENA

Pois saiu em todos os jornais, no "Globo", na "Gazetinha", na "Gazeta da Tarde", na "Gazeta de Notícias"...

BEATRIZ

O corpinho estava *come ci, come cá*. A saia é que estava *ravissant!* Era toda *bouilloné*, com fitas *veill'or* e inteiramente curta.

FELICIANINHA

Vestido curto para baile?

BEATRIZ

É a última moda.

MARIQUINHAS

Onde mandou fazê-lo?

FILOMENA

Veio da Europa.

BEATRIZ

E foi feito pelo Worth.

DONA BÁRBARA (*baixo a Mariquinhas*)

Com toda a certeza foi feito em casa, com aviamentos comprados em algum armarinho muito cangueiro.

FILOMENA

Mas não vale a pena mandar vir vestidos da Europa. Chegam por um dinheirão, e aqui não apreciam essas coisas.

BEATRIZ

O que aqui apreciam é muita fita, muitas cores espantadas... enfim, *tout ce qu'il y a de camelote*.

FELICIANINHA

Não é tanto assim.

BEATRIZ

Agora mesmo acabamos de encontrar com as filhas do Trancoso, vestidas de um modo...

FILOMENA

É verdade, vinham muito ridículas.

BEATRIZ

Escorridas, coitadas, que pareciam um chapéu de sol fechado. *Sapristi!*

FILOMENA

E onde é que foi a mulher do Seabra buscar aquele vestido branco todo cheio de fofinhos e crespinhos!

BEATRIZ

Parecia que estava vestida de tripas. *C'est incroyable.*

DONA BÁRBARA

Deixe estar que na Europa também se há de ver muita coisa ridícula.  
Não é só aqui que...

BEATRIZ

Disto lá nunca vi; pelo menos em Paris.

DONA BÁRBARA (*à parte*)

Desfrutável! (*Para Mariquinhas, alto*) Menina, vamos embora, que já é tarde.

MARIQUINHAS

Adeus, Dona Beatriz.

BEATRIZ

*Addio. (Beijam-se todas reciprocamente)*

FILOMENA (*para Dona Bárbara*)

Apareça; sabe que sou, fui e serei sempre sua amiga.

DONA BÁRBARA

Da mesma forma. E se assim não fosse também dizia-lhe logo; eu cá sou muito franca.

FILOMENA

É por isso é que a estimo e considero.

*(Saem Dona Bárbara, Mariquinhas e Felicianinha)*

## CENA VIII

*Beatriz e Filomena.*

BEATRIZ (*vendo Mariquinhas*)

Olhe só como vai aquele chapéu especado no alto da cabeça.

FILOMENA

E a mãe cada vez se veste pior. Não parece que já tem vindo ao Rio.  
Viste o Doutor Raul?

BEATRIZ

Não senhora.

FILOMENA

É singular! Por que desapareceu ele lá de casa?

BEATRIZ

Não sei! Alguma intriga talvez. Sou tão infeliz...

FILOMENA

Pois olha, aquele era um excelente partido. Moço, talentoso.

BEATRIZ

*Tout a fait chique.*

FILOMENA

*E tout a fait, (faz sinal de dinheiro) que é o principal.*

BEATRIZ

Se papai fosse chamado agora para o ministério...

## CENA IX

*As mesmas, Raul e Goularte.*

RAUL (*entrando do fundo com Goularte e vendo Beatriz e Filomena*)

Oh! diabo! lá está a mulher do Conselheiro Brito com a filha... Se me descobrem estou perdido.

GOULARTE

Por quê?

RAUL

Por quê? Porque a filha namora-me, desgraçado, julga-me muito rico, e noutra dia no Cassino, caindo eu na asneira de dizer-lhe que era bela, encantadora, essas banalidades, tu sabes, que costumamos dizer às moças nos bailes, o diabinho da rapariga fez-se vermelha, abaixou os olhos, e disse-me: — Senhor Doutor Raul, por que não me pede a papai?

GOULARTE

Pois pede-lhe.

RAUL

Nessa não caio eu! É pobre como Jó, e mulher sem isto (*Sinal de dinheiro*) está se ninando. Vamos embora.

(*Saem*)

## CENA X

*Filomena, Beatriz, Mister James e Pereira.*

FILOMENA

E Mister James? Não me disseste que ele também?...

BEATRIZ

Faz-me a corte, é verdade; porém aquilo é pássaro bisnau, e não cai assim no laço com duas razões.

FILOMENA

Dizem que é o inglês mais rico do Rio de Janeiro.

BEATRIZ

Isto sei eu.

MR. JAMES (*saindo do "Castelões" com Pereira e vendo as duas*)

*How? Mim não póde fica aqui; vai embora depressa, senhor Comendador.*

PEREIRA

Por quê?

MR. JAMES

*Semana passada, mim estar na baile de Cassino, diz aquele menina, que ele estar bonita; menina estar estúpida, e diz a mim — How? Por que voucê não mi pede a papai?*

PEREIRA

Bravo! E por que não se casa com ela?

MR. JAMES

*Oh! no; mim não estar vem a Brasil pra casa. Mim vem aqui pra faz negócia. Menina não tem dinheiro, casamento estar mau negócia. No, no, no quer. Eu vai embora. (Sai para um lado, e Pereira para outro)*

FILOMENA (*tirando uma carteirinha do bolso*)

Vejamos o que há ainda a fazer.

BEATRIZ

Vamos à *Notre-Dame* ver os colarinhos e ao *Boulevard* do Manuel Ribeiro.

FILOMENA

É verdade; vamos Já.

(*Saem*)

## CENA XI

*Ernesto e Filipe Flecha.*

FILIPPE (*saindo do armarinho com uma caixa de papelão debaixo do braço, a Ernesto, que sai do "Globo"*)

Senhor Ernesto, vê aquela mulher?

ERNESTO

Qual delas? Uma é a senhora do Conselheiro Brito, a outra é a filha.

FILIPE

Aquela mulher é a minha desgraça.

ERNESTO

Quem?... A filha?

FILIPE

Ela sim! Por causa dela já não durmo, já não como, já não bebo. Vi-a pela primeira vez, há uma semana, no "Castelões". Comia uma empada! Com que graça ela segurava a apetitosa iguaria entre o fura-bolo e o mata-piolho, assim, olhe. (*Imita*) Vê-la e perder a cabeça foi obra de um momento.

ERNESTO

Mas, desventurado, não sabes?...

FILIPE

Já sei o que vai dizer-me. Que sou um simples caixeiro de armarinho e que não posso aspirar à mão daquele anjo. Mas dentro do peito deste caixeiro pulsa um coração de poeta. Não pode imaginar as torturas por que tenho passado desde o instante em que a vi... Vi-a pela primeira vez no "Castelões"...

ERNESTO

Comia uma empada. Já me disseste.

FILIPE

Mas o que ainda não lhe disse é que por causa dela tenho chuchado as maiores descomposturas dos patrões, e que em um belo dia ficarei na rua a tocar leques com bandurras. A sua imagem não me sai um só instante da cabeça. Estou no armarinho; se me encomendam linha dou marcas de lamparinas; se gritam retrós preto trago sabonetes; a um velho que me pediu ontem suspensórios meti-lhe nas mãos uma bisnaga! O homem gritou, o patrão chamou-me de burro, os fregueses tomaram pagode comigo. Estou desmoralizado.

ERNESTO

Está bom, já sei.

FILIPE

Não pode saber, seu Ernesto.

ERNESTO

Olha, se o patrão te vê de lá a conversar aqui, estás arranjado.

FILIPE

Noutro dia à noite, quando os outros caixeiros dormiam, eu levantei-me, acendi a vela, e escrevi este soneto. (*Tira um papel do bolso e lê*) Ouça só o princípio:

Quando te vejo radiante e bela,  
Por entre rendas, filós e escumilha  
Meu coração ardente se humilha,  
E minha alma murmura é ela!

ERNESTO

Magnífico! Está muito bom.

FILIPE

Mandei-o para a "Gazetinha". Pois querem saber o que fizeram? (*Tirando a "Gazetinha" do bolso e mostrando*) Leia. É aqui na correspondência.

ERNESTO (*lendo*)

"Sr. P. F."

FILIPE

Filipe Flecha, sou eu.

ERNESTO (*lendo*)

"Os seus versos cheiram a metro e a balcão; o poeta não passa talvez de um caixeiro de armarinho." (*Rindo*) É boa! É boa!



FILIPE

O maldito filó e a escumilha comprometeram-me. Não leio mais este papelucho. (*Sobe*) Lá está ela parada à porta do Farani.

## CENA XII

*Os mesmos, 1º Vendedor, 2º Vendedor, 3º idem, 4º idem (saindo do "Globo").*

PRIMEIRO VENDEDOR

O "Globo" da tarde a 40 réis.

SEGUNDO VENDEDOR

O "Globo", trazendo o ministério e a lista da loteria.

TERCEIRO VENDEDOR

O "Globo".

QUARTO VENDEDOR

O "Globo" a 40 réis.

ERNESTO

Vejamos se já há alguma coisa de novo. (*Compra. Para Filipe*) Não queres saber quem foi chamado para o ministério?

FILIPE

Que me importa o ministério? O meu ministério é ela! Olhe, quando a vi pela primeira vez foi no "Castelões". Ela comia...

ERNESTO

Uma empada, com os diabos, já sei; não me amoles. (*Sai*)

## CENA XIII

*Filipe e Vendedor de Bilhetes.*

VENDEDOR DE BILHETES

A sorte grande do Ipiranga!... Quem quer os duzentos contos!

FILIPE

Oh! Como te amo!

VENDEDOR (*para Filipe*)

Não quer os duzentos contos?

FILIPE

Deixa-me.

VENDEDOR

Fique com este número que é o último.

FILIPE

Não quero...

VENDEDOR

Eu tenho um palpite de que o senhor apanha a taluda.

FILIPE

Homem, vá-se embora.

VENDEDOR

Veja só o número.

FILIPE (*à parte*)

Quem sabe se não está aqui a minha felicidade?!

VENDEDOR

Então, não se tenta?

FILIPE (*à parte, tirando dinheiro do bolso*)

Lá se vão os últimos vinte e cinco mil réis, que me restam do ordenado deste mês. (*Alto*) Tome. Não quero ver o número. (*Sai o vendedor*) Lá seguiu ela para a rua dos Ourives. (*Sai correndo*)

## CENA XIV

*Mister James e Raul.*

RAUL (*saindo da direita e lendo o "Globo"*)

"À hora em que entrou a nossa folha para o prelo, ainda não se sabia..." (*Continua a ler baixo*)

MR. JAMES (*que vem lendo também o "Globo", entrando por outro lado*)

"Os últimos telegramas da Europa anunciam..." (*Continua a ler baixo, encontrando-se com Raul*)

RAUL

Oh! Mister James! Como está?

MR. JAMES

*How, senhor Raul, como tem passada?*

RAUL

Então sabe já alguma coisa acerca do ministério?

MR. JAMES

*Não estar já bem informada. É difícil este crise. Neste país tem duas coisas que não estar bom; é criadas e ministéria. Criadas não quer pára em casa, e ministéria dura três, quatro meses, bumba! Vai em terra. Brasileira não pode suporta governo muite tempa. Quando ministra começa a faz alguma coisa, tudo grita — No presta, homem estar estúpida, homem estar tratanta...*

RAUL

Infelizmente é a pura verdade.

MR. JAMES

*Quando outra sobe diz mesma coisa, muda presidenta de província, subdelegada, inspetor de quarteirão, e país, em vez de anda, estar sempre parada.*

RAUL

A verdade nua e crua.

MR. JAMES

*Você escusa, se mim diz isto. Tudo quanto faz neste terra não é pra inglês ver?*

RAUL

Assim dizem.

MR. JAMES

*Pois então mim estar inglês, mim estar na direita de faz crítica do Brasil.*

RAUL A maldita política é que tem sido sempre a nossa desgraça.

MR. JAMES

*Oh! Yes. Vem liberal, faz couse boe, vem conservador desmanche couse boe de liberal.*

RAUL

E vice-versa.

MR. JAMES

*Oh! Yes.*

RAUL

E os republicanos?

MR. JAMES

*How! Não fala em republicanas. Estar gente toda very good. Mas mim não gosta de republicana que faz barulha no meio da rua; governo dá emprega e republicana cala sua boca.*

RAUL

Mas no número destes que calam a boca com empregos não se compreendem os republicanos evolucionistas; aqueles que, como eu,

querem o ideal dos governos sem sangue derramado, sem comoções sociais...

MR. JAMES

*Oh! Republicana evolucionista estar a primeira de todos republicanas. Espera de braço cruzado que república aparece; e enquanto república não aparece, republicana estar ministra, deputada, senador, conselheira, tuda. Republicana evolucionista estar partida que tem por partida tira partida de todas as partidas.*

RAUL

Não é nos partidos que está o nosso mal.

MR. JAMES

*Sua mal de vouchês está no língua. Brasileira fala muito, faz discursa very beautiful, mas país não anda pra adiante com discursa.*

RAUL

Tem razão.

MR. JAMES

*País precisa de braços, de comércio, de indústria, de estradas de ferro...*

RAUL

É verdade, e a sua estrada para o Corcovado?

MR. JAMES

*Mim estar em ajuste com companhia. Mas quando pretende compra estrada e que tem promessa de governa pra privilégia, maldita governa cai, e mim deixa de ganha muita dinheira.*

RAUL

Mas pode obter o privilégio com esta gente.

MR. JAMES

*Oh! Yes! Para alcança privilégia em que ganha dinheira mim faz tudo, tudo.*

RAUL

Se eu pudesse alcançar também...

MR. JAMES

*Uma privilégia?*

RAUL

Não; contento-me com um emprego.

RAUL

Mas esta notícia é verdadeira?

ERNESTO

Está à porta de todos os jornais. Na "Gazetinha", na "Gazeta de Notícias"...

GOULARTE

Na "Gazeta da Tarde", no "Cruzeiro"... no "Jornal do Comércio"...

RAUL

Lá estão pregando um papel no "Globo".

*(Reúnem-se todos junto ao "Globo", menos Raul, Filipe e Mister James, que ficam no proscênio)*

RAUL (*à parte*)

Beatriz julga-me rico, ofereço-lhe a mão, que aliás ela já pediu, e apanho um emprego.

MR. JAMES (*à parte*)

*Filha de presidenta de conselha estar apaixonada por mim; mim com certeza apanha privilégia.*

FILIPE (*à parte*)

Eu amo-a, adoro-a cada vez mais. Ah! que se eu apanho a sorte grande!!

RAUL

Está chovendo. (*Abre o chapéu-de-chuva*)

MR. JAMES

É verdade. (*Abre o guarda-chuva. Todos abrem guarda-chuvas, menos Filipe*)

FILIPE (*à parte*)

Lá vem ela!

RAUL (*à parte*)

Ela!

MR. JAMES (*vendo Beatriz*)

*How!*

(*Ao entrar em cena Beatriz, acompanhada de Filomena, Raul dá-lhe o braço e cobre-a com o chapéu, James dá o braço a Filomena e cobre-a*)

RAUL

Dou-lhe os meus sinceros parabéns.

MR. JAMES

*Minhas felicitações.*

FILOMENA

Obrigada.

FILIPE (*tomando os embrulhos de Filomena e Beatriz*)

Façam o favor, minhas senhoras!

BEATRIZ

Não se incomode.

FILIPE (*à parte*)

Que mão, Santo Deus! Estou aqui, estou-lhe em casa.

## ATO II

*Sala elegantemente mobiliada. Portas ao fundo e laterais.*

### CENA I

*Ernesto e Filipe.*

ERNESTO (*entrando, a Filipe, que deve estar tomando notas em uma pequena carteira*)

Filipe?! Por aqui?!

FILIPE

E então?

ERNESTO

És também pretendente?

FILIPE

Não; sou repórter.

ERNESTO

Repórter?

FILIPE

É verdade. O amor ou é a minha perdição ou há de ser talvez a causa da minha felicidade. Venho aqui todos os dias, extasio-me diante daquelas formas divinas... Olhe, quando a vi pela primeira vez foi no "Castelões", ela...

ERNESTO

Comia uma empada.

FILIPE

Ah! Já lhe disse?



ERNESTO

Milhares de vezes; já sei esta história de cor e salteado. Mas como diabo te fizeste repórter?

FILIPE

Desde o dia em que tive a felicidade de encontrar essa mulher na estrada sinuosa, espinhosa, lacrimosa da existência, tornei-me completamente outro homem. A atmosfera do armário pesava-me, o balcão acachapava-me, o metro desmoralizava-me, e a ideia de ter um patrão encafifava-me... Eu sentia dentro de mim um não sei quê que me dizia: — Filipe Flecha, tu não nasceste para vender agulhas, alfazema e lamparinas marca de pau, ergue a cabeça...

ERNESTO

E ergueste-a.

FILIPE

Não, abaixei-a para evitar um cascudo que o patrão pretendia dar-me em um belo dia em que estava a olhar para a rua, em vez de servir as freguesas, e não voltei mais à loja. Achando-me só, sem em prego, disse com os meus botões: — é preciso que eu faça alguma coisa. Escrever para o público, ver o meu nome em letra redonda, o senhor sabe, foi sempre a minha cachaça. Fiz-me repórter, nas horas vagas escrevo versos, e daqui para jornalista é um pulo.

ERNESTO

És mais feliz do que eu.

FILIPE

Por quê?

ERNESTO

Porque não pretendes sentar-te a uma grande mesa que há neste país, chamada do orçamento, e onde, com bem raras exceções, todos têm o seu talher. Nesta mesa uns banqueteam-se, outros comem,

outros apenas lambiscam. E é para lambiscar um bocadinho, que venho procurar o ministro.

FILIPE

Ele não deve tardar.

ERNESTO

Fui classificado em primeiro lugar no último concurso da secretaria.

FILIPE

Então está com certeza nomeado.

ERNESTO

Se a isso não se opuser um senhor de barão e cutelo, chamado empenho, que tudo ata e desata nesta terra, e a quem até os mais poderosos curvam a cabeça.

FILIPE

Aí vem o ministro.

## CENA II

*Os mesmos, Conselheiro Felício de Brito.*

ERNESTO (*cumprimentando*)

Às ordens de Sua Excelência.

FILIPE (*cumprimentando*)

Excelentíssimo.

BRITO

O que desejam?

ERNESTO

Vinha trazer esta carta para Sua Excelência e implorar-lhe a sua valiosa proteção.

BRITO (*depois de ler a carta*)

Sim, senhor. Diga ao Senhor Senador que hei de fazer todo o possível por servi-lo. Vá descansado.

ERNESTO

Eu tenho a observar a Sua Excelência...

BRITO

Já sei, já sei.

ERNESTO

Que fui classificado em primeiro lugar.

BRITO

Já sei, já sei. Vá. (*Ernesto cumprimenta e sai. A Filipe, que deve estar a fazer muitos cumprimentos*) O que quer? Ah! É o senhor?

FILIPE

Humilíssimo servo de sua excelência. Desejava saber se já há alguma coisa de definitivo.

BRITO

Pode dizer na sua folha que hoje mesmo deve ficar preenchida a pasta da Marinha; que o governo tem lutado com dificuldades... Não, não diga isto.

FILIPE

E essas dificuldades devem ter sido bem grandes; porque há quinze dias que o ministério está organizado, e ainda não se pôde achar um ministro para a Marinha.

BRITO

O verdadeiro é não dizer nada. Venha cá logo, e comunicar-lhe-ei então tudo o que houver ocorrido.

FILIPE (*à parte*)

Onde estará ela?

BRITO

Vá, vá, venha logo.

FILIPE (*à parte*)

Se eu pudesse vê-la. (*Alto*) Excelentíssimo. (*Cumprimenta e sai*)

### CENA III

*Brito, Filomena e Beatriz.*

BRITO (*toca a campainha; aparece um criado*)

Não deixe ninguém entrar nesta sala.

(*O criado inclina-se*)

FILOMENA (*que entra com Beatriz, pela esquerda*)

E as minhas visitas?

BEATRIZ

E as minhas, papai? *Voyons. Ça ne se fait pas.*

BRITO

Porém, minha querida Beatriz, espero aqui os meus colegas, temos que tratar de negócios do Estado, que são negócios muito sério.

BEATRIZ

*Ça ne fait rien.*

FILOMENA

Ao menos dê ordem para que deixem entrar Mr. James.

BEATRIZ

E o Senhor Raul também.

BRITO

Valha-me Deus! Vocês alcançam de mim tudo ó que querem. (*Para o criado*) Quando o Senhor James e o Senhor Raul chegarem, manda-os entrar. (*O criado cumprimenta e sai*) Estão satisfeitas?

BEATRIZ

*I love you*, meu querido papai.

FILOMENA (*reparando a sala*)

E então? A sala já não parece a mesma!

BEATRIZ

E as cortinas estão *assorti* com a mobília, Mas este tapete é um escarro.

FILOMENA

É verdade. Felício, precisamos comprar um tapete. Vi ontem um muito bonito no *Costrejean*.

BRITO

Não compro mais coisa alguma, minha senhora. A senhora pensa porventura que eu aceitei esta prebenda para ainda em cima arruinar-me?

FILOMENA

Quando se está em certa posição, não se deve fazer figura ridícula.

BEATRIZ

*Noblesse oblige*, papai.

FILOMENA

Não sei o que quer dizer ser ministro e andar de bonde como os outros, ter uma casa modestamente mobiliada, como os outros, não receber, não dar bailes, não dar jantares, como os outros, vestir-se como os outros...

BEATRIZ

É verdade. *C'est ridicule*.

BRITO

Mas, minhas filhas, não há ninguém por aí que não saiba que tenho poucos recursos, que vivo apenas dos meus ordenados. A vida de um homem de Estado é devassada e esmerilhada por todos, desde os mais ínfimos até os mais elevados representantes da escala social. O que dirão se me virem amanhã ostentando um luxo incompatível com os meus haveres?

FILOMENA

Se a gente for dar satisfações a tudo o que dizem...

BRITO

E olha que aqui não se cochila para dizer que um ministro é ladrão. O que mais querem vocês de mim? Já obrigaram-me a alugar esta casa em Botafogo.

FILOMENA

Devíamos ficar morando em Catumbi?

BRITO

E o que tem Catumbi?

BEATRIZ

Ora papai.

BRITO

Sim, o que tem?

BEATRIZ

Não é um bairro como *il faut*.

BRITO

Obrigaram-me a assinar o Teatro Lírico e... camarote.

FILOMENA

Está visto. Havia de ser interessante ver a família do presidente do Conselho sentada nas cadeiras...

BEATRIZ

Como qualquer Sinhá Ritinha da Prainha ou da Gamboa... *Dieu m'en garde!* Eu preferiria lá não ir.

BRITO

Obrigaram-me mais a ter criados estrangeiros de casaca e gravata branca, quando eu podia perfeitamente arranjar a festa com o Paulo, o Zebedeu e a Maria Angélica.

BEATRIZ

Pois não, são frescos, sobretudo o Zebedeu. No outro dia, à mesa de jantar, mamãe disse-lhe: — Vá buscar lá dentro uma garrafa de vinho do Porto, mas tome cuidado, não a sacuda. Quando chegou com a garrafa, mamãe perguntou-lhe: — Sacudiu? — Não senhora, diz ele, mas vou sacudir agora. E começa, zás, zás, zás. (*Faz menção de quem sacode*) *Quelle imbecile*. Aquilo é que os alemães chamam — *ein Schafskopf!*

BRITO

Até a minha roupa vocês querem reformar.

FILOMENA

Com franqueza, Felício, a tua sobrecasaca já estava muito sebosa!

BEATRIZ

Papai quer fazer a mesma figura que faz o ministro do Império?

BRITO

É um homem muito inteligente. Tem um grande tino administrativo.

BEATRIZ

Tem, sim, senhor; mas era melhor que ele tivesse um paletó na razão direta da inteligência. E depois, como come, Santo Deus! Segura na

faca assim, olhe, (*mostra*) e mete-a na boca até o cabo, toda atulhada de comida. *Choking*.

BRITO

Em compensação o ministro de Estrangeiros.

BEATRIZ

É o melhorzinho deles. Mas não sabe línguas.

BRITO

Estás enganada, fala muito bem francês.

BEATRIZ

Muito bem, muito bem, lá para que digamos não senhor. Diz *monsíu, negligè, bordó*, e outras que tais.

BRITO

Enfim há quinze dias apenas que subi ao poder e já estou cheio de dívidas!

FILOMENA

Não é tanto assim.

BRITO

Só ao compadre Bastos devo dez contos de réis.

FILOMENA

E se não fosse ele, estaríamos representando um papel bem triste.

BEATRIZ

Não poderíamos receber às quintas-feiras o *high life* do Rio de Janeiro.

BRITO

Sim, esse *high life* que aqui vem dançar o *cotillon*, ouvir boa música, saborear-me os vinhos; e que abandonar-me-á com a mesma



facilidade com que hoje me adula, no dia em que eu não puder mais dispor dos empregos públicos.

BEATRIZ

Papai não tem razão.

BRITO

Pois bem, minha filha, quer tenha ou não razão, só te peço uma coisa, e faço igual pedido à tua mãe. Não exijam de mim impossíveis. Vocês sabem que nada lhes posso negar. (*Tirando o relógio e vendo as horas*) Os meus companheiros não tardam. Vou ao meu gabinete; já volto.

#### CENA IV

*Filomena, Beatriz e Mister James.*

BEATRIZ (*sentando-se e lendo um livro, que deve trazer na mão*)  
É muito bem escrito este romance de Manzoni.

FILOMENA

Um tapete novo aqui deve fazer um vistão. Não achas?

MR. JAMES (*com um rolo debaixo do braço*)  
*Mim pode entra?*

FILOMENA

Oh! Mr. James!

MR. JAMES

*Como está, senhorra? (Para Beatriz) Vosmecê vai bem?*

FILOMENA

Pensei que não viesse.

MR. JAMES

*Oh! mim dá palavra que vem; mim não falta sua palavra.*

BEATRIZ

Assim deve ser.

FILOMENA

Trouxe os seus papéis?

MR. JAMES

*Oh! Yes.*

BEATRIZ

O seu projeto é a *great attraction* do dia.

MR. JAMES

*Projeto estar muita grandiosa. (Desenrola o papel e mostra) Carros sai daqui de Cosme Velha, e sobe Corcovada em vinte minutos.*

BEATRIZ

E estes cachorros que estão aqui pintados?

MR. JAMES

*Senhorras não entende deste coisa: mim fala com pai de vosmecê, explica o que é todos esses cachorras.*

FILOMENA

Tudo quanto temos de bom devemos aos senhores estrangeiros.

BEATRIZ

*C'est vrai.* Os brasileiros, com raras exceções, não se ocupam destas coisas.

MR. JAMES

*Brasileira estar muito inteligente; mas estar também muito preguiça. Passa vida no rua do Ouvidor a fala de política, pensa só de política de manhã até a noite. Brasileira quer estar deputada, juiz de paz, vereador... Vereador ganha dinheiro?*

FILOMENA

Não, senhor; é um cargo gratuito.

MR. JAMES

*Então mim não sabe como tudo quer ser vereador. Senhorra já fala com sua marida a respeito de minha projeta?*

FILOMENA

Não, senhor, mas hei de falar-lhe.

MR. JAMES

*Sua marida estar engenheira ou agricultor?*

BEATRIZ

Papai é doutor em Direito.

MR. JAMES

*É ministra de Império?*

BEATRIZ

Também doutor em Direito.

MR. JAMES

*Ministra de Estrangeiras?*

FILOMENA

Doutor em Direito.

MR. JAMES

*How! Toda ministéria estar doutor em direita?*

BEATRIZ

Sim, senhor.

MR. JAMES

*Na escola de doutor em direita estuda marinha, aprende planta batatas e café, e sabe todas essas coisas de guerra?*

FILOMENA

Não, senhor.

BEATRIZ

Estudam-se leis.

MR. JAMES

*No Brasil estar tudo doutor em direita. País no indireita assim. Mim não sabe se estar incomodando senhora.*

*(Sentam-se)*

BEATRIZ

Oh! o senhor nunca nos incomoda, dá-nos sempre muito prazer.

MR. JAMES

*Pois mim tem também muito prazer em conversa com vosmecê; (para Beatriz) pois eu gosta muito de brasileiras.*

BEATRIZ

Mas as inglesas são *very beautiful*. Eu vi em Londres, no *Hyde-Park*, verdadeiras formosuras.

MR. JAMES

*Oh! yes. Inglesas estar muito bonitas, mas brasileira tem mais... tem mais... Como chama este palavra... Eu tem no ponta da língua... Brasileira tem mais pasquim.*

FILOMENA

Pasquim?!

MR. JAMES

*No, no, como chama este graça de brasileira?*

BEATRIZ

Ah! quindins.

MR. JAMES

*Oh! yes, very well. Quindins.*

FILOMENA

Muito bem, Mr. James. Falta agora que o senhor confirme o que acaba de dizer casando-se com uma brasileira.

MR. JAMES

*Mim no pode casa, por ora, porque só tem cinquenta mil libras sterlinas; mas se mim arranja este privilégia, dá palavra que fica em Brasil e casa com brasileira.*

FILOMENA

Pelo que vejo já está enfeitado pelos quindins de alguma?

MR. JAMES

*Não duvida, senhora, e crê que feitiça não estar muito longe daqui. (Olha significativamente para Beatriz)*

BEATRIZ (*à parte*)

Isto já eu sabia.

FILOMENA (*à parte*)

É a sorte grande!

## CENA V

*Os mesmos e Brito.*

BRITO (*vendo o relógio*)

Ainda nada. Oh! Mister James. Como está?

MR. JAMES

*Criada de Sua Excelência. (Conversa com Beatriz)*

FILOMENA (*levando Brito para um lado*)

Este inglês possui uma fortuna de mais de quinhentos contos, parece gostar de Beatriz... Se nós soubermos levá-lo, poderemos fazer a felicidade da menina.

BRITO

E o que queres que faça?

FILOMENA

Que lhe concedas o privilégio que ele pede.

BRITO

Mas, senhora, estas questões não dependem só de mim. Eu não quero comprometer-me.

FILOMENA

Então para que te serve ser presidente do Conselho?

BRITO

Mas eu não posso nem devo dispor das coisas do Estado para arranjos de família. A senhora já me endividou e quer agora desacreditar-me.

FILOMENA

Pois isto há de se fazer. Mr. James, meu marido quer conversar com o senhor a respeito do seu negócio.

BRITO

Estarei às suas ordens, senhor James; porém um pouco mais tarde. Espero os meus colegas.

MR. JAMES

*A que horas mim pode procura Sua Excelência?*

BRITO

Às duas horas.

MR. JAMES

Até logo. (*Cumprimenta e sai*)

## CENA VI

*Os mesmos, menos Mister James.*

BRITO

A senhora ainda há de comprometer-me. (*Sai*)

FILOMENA

Dizem todos que é um projeto grandioso.

BEATRIZ

Vou acabar a leitura deste romance.

FILOMENA

Eu vou dar as ordens para a partida desta noite.

## CENA VII

*Dona Bárbara, Criado e o Desembargador Francisco Coelho.*

CRIADO

Sua Excelência não está em casa.

COELHO

Quero falar com as senhoras. Aqui tem o meu cartão.

*(Criado cumprimenta e sai)*

DONA BÁRBARA

Está em casa com toda a certeza; mas negou-se.

COELHO

Isto sei eu; e por isso é que entrei.

DONA BÁRBARA

Eu não devia vir. Estas sirigaitas aborrecem-me extraordinariamente.

COELHO

Mas, minha filha, tu pensas que em política a gente sobe unicamente por seus belos olhos? Não sou rico, já estou velho, não tenho pai alcaide, se deixar fugir as ocasiões, quando serei ministro?

DONA BÁRBARA

E para que você quer ser ministro, seu Chico?

COELHO

Ora, tens às vezes certas perguntas? Para quê? Para governar, para fazer o que os outros fazem.

DONA BÁRBARA

Você não tem sabido governar a fazenda, e quer governar o Estado!

COELHO

A senhora não entende destas coisas.

DONA BÁRBARA

Ora, diga cá! Suponha que você é nomeado ministro.

COELHO

Sim, senhora.

DONA BÁRBARA

Perde a cadeira na Câmara. Tem de sujeitar-se a uma nova eleição.

COELHO

E o que tem isto?

DONA BÁRBARA

O que tem?! É que se você cair nesta asneira, seu Chico, toma uma derrota, tão certo como eu chamar-me Bárbara Benvinda da Purificação Coelho.



COELHO

Eu, ministro, derrotado?

DONA BÁRBARA

E por que não? Você é melhor do que os outros?

### CENA VIII

*Os mesmos, Raul, Beatriz e Filomena.*

RAUL

Senhor Desembargador.

COELHO

Senhor doutor.

RAUL

Minha senhora.

FILOMENA

Fiz-lhe esperar muito?

BEATRIZ (*para Raul*)

Não sabia que estava também aqui.

COELHO

O conselheiro não está em casa?

FILOMENA

Está no seu gabinete.

DONA BÁRBARA (*baixo*)

O que te dizia eu?

FILOMENA

Quer falar-lhe?

COELHO

Se fosse possível.

FILOMENA

Entre.

COELHO

Com licença. (*Sai*)

### CENA IX

*Raul, Beatriz, Dona Bárbara e Filomena.*

DONA BÁRBARA

Como vão os seus pequenos?

FILOMENA

O Chiquinho vai bem; a Rosinha é que tem passado mal.

BEATRIZ (*a Raul*)

Por que não tem aparecido?

RAUL

Sabe que o meu desejo era viver sempre a seu lado.

BEATRIZ

Está nas suas mãos.

RAUL

Se fosse possível...

DONA BÁRBARA

Quem sabe se ela não sofre de vermes?

FILOMENA

O próprio médico não sabe o que é. Sente umas coisas que sobem e descem; às vezes fica meia apatetada.

DONA BÁRBARA

Querem ver que é mau olhado!

FILOMENA

Ora, a senhora acredita nessas coisas?!

DONA BÁRBARA

É porque a senhora ainda não viu o que eu presenciei com estes que a terra há de comer.

FILOMENA

Ah! ah! ah! O senhor crê em mau olhado, senhor Raul?

RAUL

Não, minha senhora; apenas no bom olhado de uns olhos feiticeiros. (*Olha para Beatriz significativamente*)

DONA BÁRBARA

Pois eu vi lá em Minas uma criatura, que estava bem atacada. E em dez minutos ficou boa.

FILOMENA

Com a homeopatia?

DONA BÁRBARA

Com uma oração.

FILOMENA

Ah! E como é esta oração?!

DONA BÁRBARA

A mulher chamava-se Francisca. Molharam um ramo de arruda em água benta e rezaram-lhe o seguinte: "Francisca, se tens mau olhado, ou olhos atravessados, eu te benzo em nome do Padre, do Filho e do

Espírito Santo. Deus te olhe e Deus te desolhe, e Deus te tire essa mau olhado, que entre a carne e os ossos, tens criado; que saia do tutano e vá para os ossos, que saia dos ossos e vá para a carne, que saia da carne e vá para a pele, e que daí saia, e vá para o Rio Jordão, onde não faça mal a nenhum cristão." É infalível. Experimente.

BEATRIZ (*baixo a Raul*)  
*Quelle bêtise.*

RAUL  
Não acredita na influência dos olhos?

BEATRIZ  
Sim; mas não creio na eficácia daquelas orações.

RAUL  
E sabe ler neles?

BEATRIZ  
*Quelque chose.*

RAUL  
O que lhe dizem os meus?

BEATRIZ  
Que o senhor é um grande bandoleiro.

RAUL  
Não, não é isto o que eles dizem.

BEATRIZ  
O que dizem então? *Voyons.*

RAUL  
Que aqui dentro há um coração que pulsa pela senhora e só para a senhora.

BEATRIZ

*Non lo credo.*

RAUL

Dona Beatriz, se estivesse em condições de fazê-la feliz, hoje mesmo dirigia-me a seu pai, e pedia-lhe o que mais ambiciono neste mundo — a sua mão.

BEATRIZ

E o que lhe falta para tornar-me feliz?

RAUL

Uma posição social.

BEATRIZ

O senhor não é bacharel em Direito?

RAUL

É verdade.

BEATRIZ

*Alors...*

RAUL

Porém, se o ser bacharel em Direito fosse um emprego, haveria muito pouca gente desempregada no Brasil. Seu pai está hoje no governo, poderia lançar as suas vistas sobre mim. Como seríamos felizes um ao lado do outro.

BEATRIZ

Eu vou falar com mamãe. Comunicar-lhe-ei as suas intenções a meu respeito, e dar-lhe-ei a resposta.

RAUL

Advogue bem a minha causa, ou antes a nossa causa.

BEATRIZ

Sim. (*À parte*) E eu que o julgava desinteressado. Oh! *les hommes! les hommes!*

FILOMENA

Por que não veio à nossa última partida, senhor Raul?

BEATRIZ (*para Raul*)

Dançamos um *cotillon* que durou quase duas horas.

RAUL

Quem marcava?

BEATRIZ

O ministro da Bélgica. Oh! *que j'aime le cotillon*

DONA BÁRBARA

O que vem a ser isto de *cotiáo*?

BEATRIZ

Uma dança arrebatadora.

## CENA X

*Os mesmos e Coelho.*

COELHO (*zangado*)

Vamos embora.

FILOMENA

Já?!

DONA BÁRBARA (*baixo a Coelho*)

Então; o que arranjaste?

COELHO (*baixo*)

O que arranjei?! Nada; mas ele arranjou uma oposição de arrancar couro e cabelo. Hei de mostrar-lhe o que valho. Estão aqui estão na rua.

DONA BÁRBARA (*baixo*)

Bem feito.

COELHO (*baixo*)

Vamos embora.

FILOMENA (*para Coelho e Bárbara, que se despedem*)

Espero que apareçam mais vezes.

COELHO

Obrigado, minha senhora.

(*Saem*)

RAUL

Há de permitir-me também...

FILOMENA

Então até a noite.

RAUL

Até a noite. (*Sai*)

## CENA XI

*Filomena e Beatriz.*

BEATRIZ

O Senhor Raul acaba agora mesmo de pedir-me a mão.

FILOMENA

Agora mesmo?

BEATRIZ

Mas sob uma condição.

FILOMENA

Qual é?

BEATRIZ

De arranjar-lhe com papai um emprego. Veja só a senhora o que são os homens de hoje!

FILOMENA

E que lhe respondeste?

BEATRIZ

Que havia de falar com vosmecê e que dar-lhe-ia depois a resposta.

FILOMENA

Muito bem. Não lhe digas nada, por ora, enquanto não se decidir o negócio do inglês. Tenho mais fé em Mr. James. Aquilo é que se pode chamar um bom partido.

BEATRIZ

E ele quererá casar comigo?

FILOMENA

Ora, não quer ele outra coisa.

## CENA XII

*Criado, Ministro da Guerra, Ministro da Justiça, Ministro do Império, Ministro de Estrangeiros, Filomena e Beatriz.*

CRIADO (*na porta*)

Sua Excelência o Senhor Ministro da Guerra.

MINISTRO DA GUERRA

Minhas senhoras. (*Cumprimenta Beatriz*)



FILOMENA (*para o criado*) — Vá chamar seu amo.

(*O criado sai pela porta da esquerda*)

BEATRIZ

Como está sua senhora?

MINISTRO DA GUERRA

Bem, obrigado, minha senhora.

FILOMENA (*despedindo-se*)

Com licença. (*Sai com Beatriz*)

### CENA XIII

*Os mesmos e Brito, menos Filomena e Beatriz.*

BRITO

Meu caro conselheiro. Os outros colegas ainda não vieram?

MINISTRO DA GUERRA

Aí está o ministro da Justiça.

MINISTRO DA JUSTIÇA

Conselheiro...

MINISTRO DA GUERRA

E do Império.

(*Entra o ministro do Império*)

MINISTRO DA JUSTIÇA

O nosso colega de Estrangeiros aí vem.

BRITO

Ei-lo. (*Entra o ministro de Estrangeiros*) Meus senhores, precisamos conjurar seriamente as dificuldades que nos cercam.

MINISTRO DA GUERRA  
Apoiado.

BRITO  
Há quinze dias apenas que subimos ao poder, e já se notam muitos claros nas fileiras da maioria.

MINISTRO DA JUSTIÇA  
A oposição se engrossa a olhos vistos.

BRITO  
Agora mesmo acaba de sair daqui o Desembargador Coelho. É mais um descontente que passa para o outro lado.

MINISTRO DA JUSTIÇA  
O Coelho? Ainda ontem, pode-se dizer, aspirava a ser o líder da maioria.

BRITO  
É verdade! Porém suspira por uma pasta, e nas circunstâncias atuais não é possível.

#### CENA XIV

*O Criado, Brito, Ministro da Guerra, Ministro da Justiça, Ministro do Império, Ministro de Estrangeiros, Conselheiro Felizardo e Doutor Monteirinho.*

CRIADO (*à parte*)  
O Senhor Conselheiro Felizardo.

BRITO  
Oh! Senhor Conselheiro. (*Cumprimentam-se todos*) Esperava ansiosamente por vossa excelência.

FELIZARDO

Estou às ordens de vossa excelência.

BRITO

O seu nome, o prestígio de que goza, a sua dedicação às ideias dominantes, são títulos que muito o habilitam.

FELIZARDO

Bondade de meus correligionários.

MINISTRO DO IMPÉRIO

Pura justiça.

BRITO

Precisamos do apoio de vossa excelência, como do ar que respiramos. A pasta da Marinha ainda está vaga.

FELIZARDO

Já estou velho...

BRITO

Não nos animamos a oferecê-la. Longe de nós semelhante pensamento! O lugar de vossa excelência é na presidência do Conselho.

FELIZARDO

Se vossas excelências permitem, dou um homem por mim.

MINISTRO DO IMPÉRIO

Basta ser de sua confiança...

BRITO

Para ser recebido de braços abertos.

FELIZARDO (*apresentando o Doutor Monteirinho*)

Aqui está o homem, o Doutor Monteiro, meu sobrinho, filho de minha irmã Maria José; e que acaba de chegar da Europa, razão pela qual ainda não tomou assento na Câmara.

BRITO (*admirado*)

Senhor Doutor, folgo muito de conhecê-lo. (*Baixo a Felizardo*) Acho-o, porém, tão mocinho.

FELIZARDO

Formou-se o ano passado em São Paulo. (*Baixo*) Que inteligência, meu amigo!

DR. MONTEIRINHO

Saí apenas dos bancos da academia, é verdade, meus senhores; mas tenho procurado estudar com afinco todas as grandes questões sociais que se agitam atualmente. A minha pena já é conhecida no jornalismo diário e nas revistas científicas. Na polêmica, nas questões literárias, nos debates políticos, nas diversas manifestações, enfim, da atividade intelectual, tenho feito o possível por criar um nome.

FELIZARDO (*baixo*)

É muito hábil.

BRITO (*baixo*)

É verdade.

FELIZARDO (*baixo*)

É um canário.

DR. MONTEIRINHO

Se não fossem as influências mesológicas assaz acanhadas, em que vivem nesta terra as inteligências que procuram abrir a corola aos raios ardentes da luz, eu já teria talvez aparecido, a despeito dos meus verdes anos.

BRITO (*baixo a Felizardo*)

Que idade tem?

FELIZARDO

Que idade tens, Cazuza?

DR. MONTEIRINHO

Vinte e dois anos.

MINISTRO DA JUSTIÇA

O Senhor Doutor Monteiro não é...

FELIZARDO

Chame-o Doutor Monteirinho. É o nome por que ele é conhecido.

MINISTRO DA JUSTIÇA

O Doutor Monteirinho não é o autor da célebre poesia *O grito da escravidão*, que veio publicada no *Correio Paulistano*?

DR. MONTEIRINHO

E que foi transcrita em todos os jornais do Império. Um seu criado. Já cultivei a poesia em tempos que lá vão. Hoje, em vez de tanger a lira clorótica do romantismo ou de dedilhar as cordas, afinadas ao sabor moderno, dos poetas realistas, leio Spencer, Schopenhauer, Buckner, Littré, todos esses grandes vultos, que constituem o apostolado das sociedades modernas.

FELIZARDO (*baixo, a Brito*)

Este rapaz vai fazer um figurão no ministério.

BRITO

Creio. Terá, porém, ele a experiência dos negócios públicos?

FELIZARDO

Não lhe dê cuidado. Fica sob as minhas vistas: eu saberei guiá-lo.

DR. MONTEIRINHO

A grande naturalização é uma das questões atuais mais importantes para o Brasil.

BRITO

Podemos contar, portanto, com o apoio decidido de vossa excelência.

FELIZARDO

Se até aqui eu quebrava lanças por este ministério...

BRITO

Lá isso é verdade.

FELIZARDO

Imagine agora... (*Olhando para Monteirinho*) O meu Cazuzinha!

DR. MONTEIRINHO

E a questão das terras? Já leram a *Questão Irlandesa*, de Henry George? É um livro admiravelmente escrito. Um livro do futuro!

BRITO

Senhor Doutor Monteirinho, temos a honra de considerar vossa excelência no número dos nossos colegas.

DR. MONTEIRINHO

Oh! Senhor Conselheiro.

FELIZARDO

Cazuza, faz por seguir o caminho de teu tio. Vou correndo para a casa. Que alegrão vai ter a Maria José. (*Sai*)

## CENA XV

*Os mesmos e James, menos Felizardo.*

BRITO

Vamos para o gabinete.

MR. JAMES (*aparecendo na porta*)  
*Duas horas em ponta.*

BRITO (*à parte*)  
Que maçada. Não me lembrava mais dele. (*James entra. Alto*) Meus senhores, apresento-lhes Mr. James, que requer um privilégio que parece ser de grande utilidade.

DR. MONTEIRINHO  
Vejam.

MR. JAMES (*desenrolando o papel e mostrando*)  
*Aqui tem, senhoras.*

DR. MONTEIRINHO  
O que vem a ser isto?

BRITO  
Uma estrada especial para o Corcovado.

MR. JAMES  
*Maquinisma estar muito simples. Em vez de duas trilhas, ou de três trilhas, como tem sistema adotada, mim coloca uma só trilha larga, de meu invenção.*

DR. MONTEIRINHO  
É bitola estreita?

MR. JAMES  
Oh! estreitíssima! É bitola zero.

DR. MONTEIRINHO  
E como se sustém o carro?

MR. JAMES  
Perfeitamente bem.

DR. MONTEIRINHO

O sistema parece ser fácilimo.

MR. JAMES

*E estar muito econômica, senhorr.*

MINISTRO DA JUSTIÇA

Mas não vejo máquina, vejo apenas cachorros. O que quer dizer isto?

MR. JAMES

*Ai é que está tuda.*

BRITO

Não compreendo. Tenha a bondade de explicar-me.

MR. JAMES

*Ideia estar aqui completamente nova. Mim quer adota sistema cinófero. Quer dizer que trem sobe puxada por cachorras.*

DR. MONTEIRINHO

Não era precisa a explicação. Nós todos sabemos que cinófero vem do grego *cynos*, que quer dizer cão, e *feren*, que significa puxar, etc.

MR. JAMES

*Muito bem, senhorr.*

DR. MONTEIRINHO

Agora o que se quer saber é como é que os cachorros puxam.

MR. JAMES

*Cachorra propriamente no puxa. Roda é oca. Cachorra fica dentro de roda. Ora, cachorra dentro de roda, no pode estar parada. Roda ganha impulsa, quanto mais cachorra mexe, mais o roda caminha!*

DR. MONTEIRINHO



E de quantos cachorros precisa o senhor para o tráfego dos trens diários do Cosme Velho ao Corcovado?

MR. JAMES

*Mim precisa de força de cinquenta cachorras por trem; mas deve muda cachorra em todas as viagens.*

MINISTRO DA JUSTIÇA

Santo Deus! É preciso uma cachorrada enorme.

MR. JAMES

*Mas eu aproveita todas as cachorras daqui e faz vir ainda muitas cachorras de Inglaterra.*

BRITO

Mas se estes animais forem atacados de hidrofobia não há perigo para os passageiros?

DR. MONTEIRINHO

Eu entendo que não se pode conceder este privilégio, sem se ouvir primeiro a junta de higiene.

MR. JAMES

*Oh! senhorr, não tem a menor periga. Se cachorra estar danada, estar ainda melhor, porque faz mais esforço e trem tem mais velocidade.*

BRITO

Em resumo, qual é a sua pretensão?

MR. JAMES

*Mim quer privilégia para introduzir minha sistema em Brasil, e estabelecer primeira linha em Corcovada, com todas as favores de lei de Brasil para empresa de caminha de ferro.*

BRITO

Mas o cachorro não está ainda classificado como motor na nossa legislação de caminhos de ferro.

DR. MONTEIRINHO

Neste caso deve levar-se a questão ao poder legislativo.

BRITO

Está bem: nós vamos ver e resolveremos como for de justiça.

MR. JAMES

*Em quanto tempa decide este negócia?*

DR. MONTEIRINHO

Vamos resolver.

MINISTRO NO IMPÉRIO

Tenha paciência, espere.

BRITO

*Às suas ordens. (Despede-se, os outros despedem-se de James e saem pela esquerda)*

#### CENA XVI

*James, só.*

MR. JAMES

*Tem paciência, espera! Sistema de brasileira. Time is money. Eu fala com mulher, e arranja tuda. (Sai)*

#### CENA XVII

*Beatriz e depois Filipe.*

BEATRIZ

Vejamos se aqui posso concluir sossegada a leitura deste romance. (Lê)

FILIPE

Ela?! Oh! Eu atiro-me e confesso tudo. Ora adeus! (*Tropeça em uma cadeira*)

BEATRIZ (*revolvendo-se*)  
Quem é?

FILIPE  
Filipe Flecha, um criado de vossa excelência. Sou repórter.

BEATRIZ  
Papai está agora em conselho com os outros ministros.

FILIPE  
Como é bela!

(*Beatriz continua a ler*)

BEATRIZ (*à parte*)  
Este estafermo pretenderá ficar aqui. Que *bruta faccia*.

FILIPE  
Eu atiro-me-lhe aos pés. Coragem! (*Encaminha-se para Beatriz*)

BEATRIZ  
Quer alguma coisa?

FILIPE (*tirando uma carteira*)  
O senhor seu pai onde nasceu, minha senhora?

BEATRIZ  
No Pará.

FILIPE (*escrevendo na carteira*)  
Onde formou-se?

BEATRIZ  
Em Pernambuco.

FILIPE (*escrevendo*)

Que empregos tem exercido? Que condecorações tem?

BEATRIZ

Mas para que o senhor quer saber tudo isto? *Oh! qu'il est drole!*

FILIPE

É que quando ele morrer a notícia para o jornal já está pronta. (*À parte*) Oh! que diabo de asneira!

BEATRIZ

O senhor está doido?

FILIPE (*ajoelhando-se*)

Sim, doido, minha senhora, doido varrido. Quando a vi pela primeira vez foi no "Castelões". A senhora comia uma empada... (*Beatriz procura tocar a campainha*) O que vai fazer?

BEATRIZ

Chamar alguém para pô-lo daqui para fora.

FILIPE

Pelo amor de Deus, não faça escândalo. (*Levantando-se*) Eu vou, eu vou, mas creia que ninguém no mundo a idolatra como eu! (*Sai olhando amorosamente para Beatriz*)

BEATRIZ

Pobre louco! Mas este ao menos não me falou em emprego nem em privilégio! (*Senta-se e continua a leitura*)

### ATO III

*Sala de espera em casa do Conselheiro Brito.*

### CENA I

*Brito e Filomena.*

FILOMENA

Podias ter decidido o negócio perfeitamente sem levá-lo às Câmaras.

BRITO

Como?

FILOMENA

Como? Colocassem-me na Presidência do Conselho, que eu te mostraria.

BRITO

Mas, Filomena, tu não sabes que se tratava de uma espécie completamente nova, que o governo...

FILOMENA

Tanto melhor! Se a espécie era completamente nova, o governo devia resolver por si e não abrir o mal precedente de consultar a Câmara.

BRITO

Olha, queres saber de uma coisa? Eu merecia que me vestissem uma camisola de força, por me haver metido em semelhante entrosga.

FILOMENA

Ora, qual entrosga! O negócio era muito simples. Tratava-se de uma estrada para o Corcovado...

BRITO

Mas de uma estrada especial, com carros movidos por cachorros...

FILOMENA

E o que tem os cachorros?

BRITO

É que levantou-se a dúvida se o cachorro podia ser considerado motor, se a estrada estava nas condições da lei.

FILOMENA

Pois eu presidente do Conselho cortava a dúvida, dizendo: — o cachorro é motor, e concedia o privilégio.

BRITO

Tu não entendes destas coisas.

FILOMENA

E o que se lucrou em consultar a Câmara? Em assanhar a oposição, e formar no seio do parlamento dois partidos, o dos cachorros e o dos que se batem, como leões, contra os cachorros.

BRITO

E que partidos!

FILOMENA

E lá se vai o privilégio, falto à palavra que dei ao inglês, e o casamento da menina, víspora!

BRITO

Mas o que queres que faça?

FILOMENA

Que envides todos os esforços para que o projeto passe! Hoje é a última discussão...

BRITO

E o último dia talvez do ministério.

FILOMENA

Quais são os deputados que votam contra?

BRITO

Uma infinidade.

FILOMENA

O Elói é cachorro?

BRITO

Sim, senhora.

FILOMENA

O Azambuja?

BRITO

Cachorro.

FILOMENA

O Pereira da Rocha?

BRITO

Este é de fila.

FILOMENA

O Vicente Coelho?

BRITO

Era cachorro; mas passou anteontem para o outro lado.

FILOMENA

E o Barbosa?

BRITO

Está assim, assim. Talvez passe hoje para cachorro.

FILOMENA

Ah! Que se as mulheres tivessem direitos políticos e pudessem representar o país...

BRITO

O que fazias?

FILOMENA

O privilégio havia de passar, custasse o que custasse. Eu é que devia estar no teu lugar, e tu no meu. És um mingau, não nasceste para a luta.

BRITO

Mas com a breca! Queres que faça questão de gabinete?

FILOMENA

Quero que faças tudo, contanto que o privilégio seja concedido.

BRITO (*resoluto*)

Pois bem; farei questão de gabinete, e assim fico livre mais depressa desta maldita túnica de Nessus.

## CENA II

*Os mesmos e o Doutor Monteirinho.*

DR. MONTEIRINHO (*cumprimentando Filomena*)

Minha senhora. (*Para Brito*) Vamos para a Câmara, conselheiro. É hoje a grande batalha.

BRITO

Estou às suas ordens.

DR. MONTEIRINHO

Havemos de vencer, custe o que custar.

FILOMENA

Doutor Monteirinho, empregue todo o fogo de sua palavra.

DR. MONTEIRINHO

Fique descansada, minha senhora. Levo o meu discurso na ponta da língua. Hei de tratar a parte técnica, sobretudo, com o maior



cuidado. Na discussão deste projeto ou conquisto os foros de estadista, ou caio para nunca mais erguer a frente.

FILOMENA

Bravo! Bravo!

BRITO

Vamos, conselheiro, são horas.

FILOMENA (*para Brito*)

Vai. Que Deus te inspire.

(*Saem Monteiro e Brito*)

### CENA III

*Filomena e Beatriz.*

FILOMENA

Que boa madrugada! Onze horas!

BEATRIZ (*beijando Filomena*)

Não posso acordar-me cedo, por mais esforços que faça. Vosmecê não sai hoje?

FILOMENA

Não. Estou muito nervosa.

BEATRIZ

É mais uma razão para sair.

FILOMENA

Se cai o projeto e com ele o ministério...

BEATRIZ

Estamos arrançadas.

FILOMENA

Lá se vai o inglês.

BEATRIZ

E o Sr. Raul também. (*À parte*) Se ao menos aquele pobre doido que ofereceu-me o coração... (*Alto*) Ora, será o que Deus quiser. (*Mirando-se ao espelho, canta*)

*La donna é mobile*

*Qual piuma al vento.*

*Muta d'accento*

*E di pensiero.*

O pacote francês deve chegar hoje?

FILOMENA

Creio que sim.

BEATRIZ

Estou ansiosa por ver os vestidos de verão que encomendamos.

#### CENA IV

*Beatriz, Filomena e Criado.*

CRIADO (*com uma gaiola com papagaio*)

Veio da parte do Senhor Tinoco, com esta carta. (*Entrega a carta a Filomena*)

FILOMENA (*depois de ler a carta*)

Estes pretendentes entendem que devem encher-me a casa de bichos. Leva para dentro.

(*O criado sai*)

BEATRIZ

E coisa célebre, pelos presentes pode-se conhecer a que província ou a que lugar pertencem os pretendentes. Os do Ceará mandam corruptions; os do Pará redes, paus de guaraná e macacos de cheiro;

os de Pernambuco, caju secos e abacaxis; os de São Paulo, formigas vestidas, figos em calda.

FILOMENA

E arapongas. Se o pretendente é do Maranhão, a mulher do ministro não passa sem lenço de labirinto.

BEATRIZ

E se é da Bahia, lá vêm as quartinhas, o azeite de cheiro e os saguis.

FILOMENA

Os do Rio Grande do Sul exprimem a gratidão com línguas salgadas e origones.

BEATRIZ

E os de Minas com queijos e rolos de fumo. Mas, coitados! Muito sofrem! Só a lida em que eles vivem. — Venha hoje, venha amanhã, espere um pouco, agora não é possível!

FILOMENA

É para admirar que a esta hora já não esteja a sala cheia deles.

BEATRIZ

É verdade.

## CENA V

*Filomena, Beatriz e Dona Bárbara.*

DONA BÁRBARA

Desculpe-me se fui entrando sem anúncio prévio.

FILOMENA

A Senhora Dona Bárbara é sempre recebida com prazer a qualquer hora.

DONA BÁRBARA

E é por saber disto que vim vê-la, apesar do que se tem passado.

FILOMENA

Creio que entre nós nada se tem passado que possa porventura interromper, sequer de leve, as nossas relações amistosas.

DONA BÁRBARA

Quero dizer do que se tem passado entre os nossos maridos.

FILOMENA

Também não sei o que possa ter havido entre eles. Pertencem ao mesmo credo político, ainda ontem para bem dizer, eram amigos...

DONA BÁRBARA (*à parte*)

Se não digo na bochecha desta emproada tudo quanto sinto, estouro. (*Alto*) Eram amigos, é verdade, porém... meu marido tem razões especiais... Ele está na Câmara cumprindo o seu dever.

FILOMENA

Faz muito bem.

DONA BÁRBARA

Não é hoje que se discute um célebre privilégio de uma estrada para o Corcovado?

FILOMENA

Creio que sim.

DONA BÁRBARA

Não sabia; passando por acaso pela rua do Ouvidor...

BEATRIZ

Como é fingida esta *vecchia strega!*

DONA BÁRBARA

Ouvi os garotos apregoarem a "Gazeta da Tarde", traz a notícia da grande patota dos cachorros! E por entre os grupos dos indivíduos

que conversavam no ponto dos bondes, pude distinguir estas frases, cujo sentido não compreendi bem: arranjos de família, ministro patoteiro, casamento da filha com o inglês...

FILOMENA

É verdade, minha senhora; mas o que não sabe é que por entre aqueles grupos estava a mulher despeitada de um ministro gorado e que era esta a que mais gritava.

DONA BÁRBARA

Um ministro gorado?!

BEATRIZ

Sim. *Un ministre manqué.*

DONA BÁRBARA (*para Beatriz*)

Minha senhora, tenha a bondade de falar em português, se quer que a entenda.

FILOMENA

Eu falarei português claro. O ministro gorado é...

BEATRIZ

Seu marido... *voilà tout.*

FILOMENA

E a mulher despeitada...

DONA BÁRBARA

Sou eu?!

BEATRIZ

*Sans doute.*

DONA BÁRBARA (*à parte*)

Eu arrebento. (*Alto*) Pois já que as senhoras são tão positivas dir-lhes-ei que meu marido nunca teve a ideia de fazer parte de

semelhante ministério. Ele é um homem de muito bom senso e sobretudo de muita probidade.

FILOMENA

Observo à senhora que estou em minha casa.

BEATRIZ (*à parte*)

*C'est incroyable! Dreadful.*

DONA BÁRBARA

Foi a senhora a primeira que esqueceu esta circunstância.

FILOMENA

Não me obrigue...

DONA BÁRBARA

Eu retiro-me para nunca mais pôr os pés aqui.

FILOMENA

Estimo muito.

DONA BÁRBARA

E fique sabendo que o Chico...

FILOMENA (*com dignidade*)

Minha senhora. (*Cumprimenta e sai*)

BEATRIZ

*Au revoir. (Sai)*

DONA BÁRBARA

Emproada, sirigaita, patoteira! Hei de tomar uma desforra. (*Sai zangada*)

## CENA VI

*Pereira, Inácio, Arruda, Ribeiro, Azambuja, mais pessoas e o Criado.*

CRIADO

Sua Excelência não está. Os senhores que quiserem esperar podem ficar nesta sala.

PEREIRA

O homem está em casa.

INÁCIO

Eu cá hei de falar-lhe hoje, por força, haja o que houver.

ARRUDA

E eu também. Só se ele não passar por aqui.

RIBEIRO

O que é bem possível, porque a casa tem saída para outra rua.

AZAMBUJA

Há quatro meses que ando neste inferno.

RIBEIRO

Console-se comigo, que ando pretendendo um lugar há cinco anos, e ainda não mo deram.

ARRUDA

Há cinco anos?!

RIBEIRO

Sim, senhor.

AZAMBUJA

E tem esperanças de obtê-lo?

RIBEIRO

Olé! Já atravessei seis ministérios. Venho aqui duas vezes por dia.

INÁCIO

E eu que vim dos confins do Amazonas; e aqui estou há seis meses a fazer despesas, hospedado na casa do Eiras, com uma numerosa família, composta de mulher, seis filhos, duas cunhadas, três escravas, quatorze canastras, um papagaio e um corrupção!

## CENA VIII

*Os mesmos e Ernesto.*

ERNESTO

Meus senhores.

PEREIRA

Oh! Senhor Ernesto.

ERNESTO

Como está, senhor Pereira?

PEREIRA

O seu negócio? Ainda nada?

ERNESTO

Qual! Trago agora aqui uma carta... Vamos ver se com esta arranjo o que quero. É de um deputado mineiro governista.

PEREIRA

É bom empenho?

ERNESTO

Quem me arranjou foi um negociante da rua dos Beneditinos, em cuja casa acha-se hospedado o tal deputado.

RIBEIRO

Meu amigo, vá à fonte limpa, procure um deputado da oposição e digo-lhe desde já que está servido.

ERNESTO



Muito se sofre!

AZAMBUJA  
É verdade.

**CENA VIII**  
*Os mesmos e Filipe.*

FILIPE  
Adeus, senhor Ernesto.

ERNESTO  
Adeus, Filipe.

FILIPE  
Ainda perde seu tempo em vir por aqui?

ERNESTO  
Por quê?

FILIPE  
Porque o ministério está morto!

PEREIRA  
Caiu?!

FILIPE  
A esta hora já deve ter caído. A rua do Ouvidor está assim. (*Fechando a mão*) Não se pode entrar na Câmara. Há gente nas galerias como terra.

ERNESTO  
O partido dos cachorros está bravo?

FILIPE

Os cachorros?! Estão danados! A tal estrada não passa, não, mas é o mesmo. O Doutor Monteirinho levantou-se para falar...

ERNESTO

Ah! Ele falou hoje?

FILIPE

Qual! Não pôde dizer uma palavra. Rompeu uma vaia das galerias, mas uma vaia de tal ordem, que foi preciso entrar a força armada na Câmara.

PEREIRA

Lá se vai o meu lugar da Alfândega.

AZAMBUJA

E o meu.

RIBEIRO

E o meu.

FILIPE (*levando Ernesto para um lado*)

Ainda não a vi hoje.

ERNESTO

Mas é verdade tudo isto?

FILIPE

Como é bela!

ERNESTO

Com os diabos! que transtorno!

FILIPE

Quando a vi pela primeira vez foi no "Castelões"...

ERNESTO

Comia uma empada, comia uma empada...

FILIPE

É isso mesmo.

ERNESTO

Irra! Não me amoles.

PEREIRA (*para Ernesto*)

O senhor quer saber onde está a minha esperança?

ERNESTO

Onde?

PEREIRA (*tirando um bilhete de loteria do bolso*)

Aqui neste bilhete do Ipiranga.

FILIPE

Eu também tenho um. (*Vendo na carteira*) Querem ver que o perdi! Não, cá está. A esta hora já deve ter andado a roda. Com a breca, nem me lembrava! (*Olhando para dentro*) Se pudesse ao menos ver-lhe a pontinha do nariz.

PEREIRA

Vou ver o que tirei. (*Sai*)

FILIPE

E eu também. Mas qual! Sou de um caiporismo horrendo. Adeus, senhor Ernesto. (*Olhando para todos os lados*) Onde estará ela?! (*Sai*)

## CENA IX

*Os mesmos, menos Pereira e Filipe e Doutor Raul.*

ERNESTO

Esta notícia veio transtornar-me os planos.

AZAMBUJA

Talvez seja mentira.

ERNESTO

As más novas são sempre verdadeiras.

RAUL

Ora, vivam, meus senhores!

ERNESTO

Doutor Raul, o que há acerca do ministério?

RAUL

Dizem que está em crise.

ERNESTO

Mas há esperanças?

RAUL

Hum!... Não sei. Vejo as coisas muito embrulhadas.

## CENA X

*Os mesmos e Mister James.*

RAUL

Oh! Mr. James! Fazia-o pela Câmara.

MR. JAMES

*Mim só sai de casa hoje pra vem aqui...*

RAUL

Os negócios estão feios.

MR. JAMES

*Oh! Yes, muito feias.*

RIBEIRO (*a Ernesto*)

Este é o tal inglês da patota de que os jornais falam hoje?

ERNESTO

É o bicho.

MR. JAMES

*Você quer sabe de uma coisa. Mim estar muito stupíde.*

RAUL

Por quê?

MR. JAMES

*Eu já deve saber que este ministéria não pode dura muite tempo, e mim cai na asneira de faz negócia com ele.*

RAUL

Mas em que se fundava para saber disto?

MR. JAMES

*Ora escuta vosmincê, presidenta de Conselho onde estar nascida?*

RAUL

No Pará.

MR. JAMES

*Ministra de Império?*

RAUL

Em São Paulo.

MR. JAMES

*Ministra de Justiça?*

RAUL

Creio que é de Piauí.

MR. JAMES

*No senhor; de Paraíba.*

RAUL  
Ou isso.

MR. JAMES  
*Ministra de Marinha estar de Alagoas, ministra de Estrangeiros...*

RAUL  
Este é do Paraná.

MR. JAMES  
*Yes. Ministra de Guerra estar de Maranhão, de Fazenda, Rio de Janeiro.*

RAUL  
Mas o que tem isto?

MR. JAMES  
*Não tem uma só ministra de Bahia. E ministéria sem baiana — estar defunta logo, senhor.*

RAUL  
Tem razão.

MR. JAMES  
*Baiana estar gente muito poderosa. Não se pode esquece dela.*

RAUL  
O ministério estava fraco, lá isso é verdade.

MR. JAMES  
*E tem inda mais; Ministra da Marinha...*

RAUL  
O Doutor Monteirinho?

MR. JAMES

*Yes. Ministra da Marinha estar muito pequenina.*

RAUL

Muito moço é que o senhor quer dizer?

MR. JAMES

*All right. No pode ser estadista e governa país logo que sai de escola. É preciso aprende primeiro, aprende muito, senhor. Todo mundo estar caçoanda, e chama ministra de Cazuzinhe. O senhor sabe dizer o que é Cazuzinhe?*

RAUL

É um nome de família.

MR. JAMES

*How? Mas família fica em casa, e no tem nada com ministéria. Vosmecês aqui têm costume de chama homem de estado de Juquinha, Lulu, Fernandinha. Governa estar muito sem-cerimônia.*

## CENA XI

*Os mesmos, Beatriz e Filomena.*

MR. JAMES

*Como está, senhorra?*

RAUL

Minhas senhoras.

FILOMENA

Veio da Câmara?

MR. JAMES

*No senhorra.*

FILOMENA

Pois não foi lá? No dia em que se deve decidir o seu negócio...

BEATRIZ (*a Raul*)

Mamãe ainda não teve tempo de falar com papai acerca da sua pretensão.

MR. JAMES

*Meu negócio estar perdida.*

FILOMENA

Tenho fé que não.

MR. JAMES

*Oh! Yes.*

## CENA XII

*Os mesmos e Felizardo.*

FELIZARDO (*entrando apressado*)

Caiu o ministério!

FILOMENA

Caiu! Ai! Falta-me a luz! (*Cai desmaiada em uma cadeira*)

BEATRIZ (*correndo*)

Mamãe.

RAUL

Dona Filomena!

MR. JAMES (*para todos*)

*Ó no incomoda! Vai passa já.*

ERNESTO

Ora sebo! (*Sai*)

INÁCIO

Ora bolas. (*Sai*)



ARRUDA

Ora pílulas. (*Sai*)

RIBEIRO

Ora, com os diabos. (*Sai*)

AZAMBUJA

Ora... (*Sai*)

MR. JAMES (*vendo Filomena levantar-se*)

*Estar pronta, já passou.*

FELIZARDO

E o pobre do Cazuzinha que tinha tanta coisa que fazer! Também lhes digo, que se ele consegue falar, a despeito das vaias da galeria, o ministério tinha vida por cinco anos, pelo menos.

RAUL

Deveras?

FELIZARDO

É um rapaz muito hábil. O senhor não imagina que discurso tinha ele preparado. Ontem recitou-mo todo. Sabia-o na ponta da língua.

RAUL

Foi uma pena! (*À parte*) E lá se foi o meu emprego, que é o que mais sinto.

FELIZARDO

Como não vai ficar a Maria José quando souber da notícia!

RAUL (*a Beatriz*)

Minha senhora; creio estar desligado dos compromissos que contrái para com vossa excelência.

BEATRIZ

Eu já o sabia; não era preciso mo dizer. O que o senhor doutor queria era uma posição social e não a minha mão!

RAUL (*à parte*)

Façamos cara de não ter compreendido.

### CENA XIII

*Felizardo, Raul, Beatriz, Filomena, Mister James, Brito e Doutor Monteirinho.*

BRITO (*abraçando Filomena*)

Minha Filomena, tenho necessidade de abraçar-te. Vem cá, Beatriz, abraça-me também. (*Beatriz abraça*) Foram vocês que me perderam; mas como isto é bom.

MR. JAMES

*Mim sente muito derrota de vossa excelência; agradece tudo que faz pela minha privilégia e pede desde já a vossa excelência um apresentação para nova ministéria que tem de subir.*

FELIZARDO (*que deve estar abraçado com Monteirinho*)

Ah! Cazuzá! Não há gosto perfeito neste mundo!

DR. MONTEIRINHO

E mamãe, que não teve a ventura de me ver de fardão!

FELIZARDO

Mas há de tê-la muito breve; eu te prometo.

### CENA XIV

*Os mesmos e Criado.*

CRIADO

Trouxeram estes jornais e esta carta. (*Sai*)

BRITO

O que será? (*vendo o sobrescrito da carta, para Filomena*) É para ti.

FILOMENA (*abrindo a carta e lendo*)

"Minha senhora, tenho a honra de enviar a vossa excelência o último número da *Espada de Dâmocles*, que acaba de sair agora mesmo e de chamar a atenção de vossa excelência para a notícia, publicada sob o título *À última hora*. Sua veneradora e criada, Bárbara Coelho." (*Fecha a carta*) Que infame!

BRITO

Lê. (*Filomena quer rasgar o jornal*) Lê, eu terei a coragem de ouvir.

FILOMENA (*lendo*)

"Caiu finalmente o ministério das patotas. Parabéns aos nossos concidadãos, estamos livres do homem que mais tem sugado os cofres públicos em proveito dos seus afilhados."

BRITO

Saio do ministério mais pobre do que entrei, porque estou crivado de dívidas, e com a pecha de ladrão!

FILOMENA

E o que pretendes fazer?

BRITO

Nada neste país, infelizmente, esta é a sorte de quase todos que descem do poder.

#### CENA XV

*Filomena, Raul, Doutor Monteirinho, Beatriz, Mister James, Felizardo, Brito e Filipe.*

MR. JAMES (*a Filipe que entra às carreiras, ofegante, e cai-lhe desmaiado nos braços*)

*How! Tudo estar desmaia nesta casa!*

FILOMENA

Vão ver depressa vinagre. (*Raul corre para dentro*)

BEATRIZ

Como ele está pálido! Vou buscar água de Colônia. (*Corre para dentro*)

MR. JAMES

*Oh! nó, nó, é melhor traz cognac.*

DR. MONTEIRINHO

Vou buscá-lo. (*Sai correndo*)

BRITO (*batendo-lhe nas mãos*)

Senhor, senhor! É o pobre do repórter!

BEATRIZ

Aqui está. (*Põe água de Colônia no lenço e chega-lhe ao nariz. Filipe abre os olhos*) *Ça y est! Il est gueri!*

FILIPE

Onde estou? Ah! (*Sai dos braços de Mister James*)

DR. MONTEIRINHO

Cá está o conhaque. Já não é preciso?

BRITO

O que tem?

FILIPE (*não podendo falar*)

Comprei este bilhete. (*Mostra-o, tirando-o do bolso*) Vou ver a lista...

MR. JAMES

*Branca.*

FILIPE

E tirei duzentos contos!

FILOMENA

Duzentos contos!

BEATRIZ

*Ah! Bah!*

FILIPE (*ajoelhando-se aos pés de Beatriz*)

Minha senhora, eu adoro-a, idolatro-a. Quando a vi pela primeira vez foi no "Castelões", a senhora comia uma empada. Quer aceitar a minha mão?

BEATRIZ

*De tout mon coeur.*

MR. JAMES

*All right! Boa negócia.*



**Iba Mendes Editor Digital**

**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**